

No litoral com Ana Cristina Cesar: escrita, angústia e gozo

Paloma Vieira Silva e Vera Pollo

Resumo

O presente artigo elabora reflexões sobre a obra da poeta Ana Cristina Cesar, articulando-a às proposições de Freud e Lacan sobre escrita, angústia e gozo feminino. Por meio da formalização singular da poeta, destaca indícios de que sua escrita é um modo de tratamento da angústia e de que seu fazer poético evoca o trabalho que se impõe aos sujeitos em posição feminina na lógica da sexualização desenvolvida por Lacan. Resgata a contribuição de alguns estudiosos da obra de Ana Cristina Cesar e conclui sobre a questão do indizível e do possível de se escrever.

Palavras-chave:

Escrita; Angústia; Gozo; Indizível.

On the littoral with Ana Cristina Cesar: writing, anguish, and jouissance

Abstract

The present article elaborates reflections on the work of the poet Ana Cristina Cesar, articulating it with the propositions of Freud and Lacan on writing, anguish, and feminine jouissance. Through the poet's singular formalization, it highlights indications that her writing is a way of dealing with anguish and that her poetic work evokes the labor imposed on subjects in a feminine position. It rescues the contribution of some scholars of Ana Cristina Cesar's work and concludes on the issue of the unspeakable in psychoanalytic clinic.

Keywords:

Writing; Anguish; Jouissance; Unspeakable.

En la costa con Ana Cristina Cesar: escritura, angustia y goce

Resumen

Este artículo reflexiona sobre la obra de la poeta Ana Cristina Cesar, vinculándola a las propuestas de Freud y Lacan sobre la escritura, la angustia y el goce femenino. A través de la singular formalización de la poeta, destaca indicios de que su escritura es una forma de lidiar con la angustia y de que su obra poética evoca el trabajo impuesto a los sujetos en posición femenina. Resume la contribución de algunos estudiosos de la obra de Ana Cristina César y concluye sobre la cuestión de lo indecible en la clínica psicoanalítica.

Palabras clave:

Escritura; Angustia; Goce; Indecible.

Sur le littoral avec Ana Cristina Cesar : écriture, angoisse et jouissance

Résumé

Cet article propose une réflexion sur l'œuvre de la poétesse Ana Cristina Cesar, en la reliant aux propositions de Freud et de Lacan sur l'écriture, l'angoisse et la jouissance féminine. A travers la formalisation unique de la poétesse, il met en évidence les signes que son écriture est une manière de traiter l'angoisse et que son travail poétique évoque le travail imposé aux sujets en position féminine. Il résume l'apport de quelques chercheurs sur l'œuvre d'Ana Cristina César et conclut sur la question de l'indécible dans la clinique psychanalytique.

Mots-clés :

Ecriture ; Angoisse ; Jouissance ; Innommable.

Para dar início às reflexões sobre a escrita de Ana Cristina Cesar, destacaremos alguns pontos da obra de Freud e do ensino de Lacan. Objetivamos abordar o tema da escrita e a interseção com a angústia e o gozo feminino. Tomaremos a criação poética, vertente da literatura na qual nos deteremos, como uma via de tratamento da angústia e de vivência do gozo feminino e, portanto, de constituição de modos singulares de o sujeito estar no campo compartilhado da cultura.

Em Freud, foram sobretudo os sonhos de angústia que contribuíram para a elaboração, em 1920, do conceito de pulsão de morte e sua manifestação primordial de angústia. Segundo ele, a angústia é o afeto que advém do inconsciente por excelência, diferenciando-se parcialmente do medo no que tange ao objeto. Manifesta-se primariamente no desamparo do recém-nascido. Lacan, por sua vez, dedica um ano letivo inteiro (1962-1963) ao estudo da angústia, afeto que não engana, porque vai ao âmago do ser e encontra seu ápice na queda do objeto *a*, o qual escapa a toda apreensão pelo Simbólico e pelo Imaginário. Nesse sentido, ele corresponde à falta de objeto e se faz causa-de-desejo.

Freud (1929 [1930]) foi certamente o primeiro a chamar a atenção para a necessidade da renúncia ao gozo, o que está mais-além do princípio de prazer, como condição indispensável à participação do sujeito na civilização ou cultura. E Lacan (1968-1969/2008), relendo simultaneamente Marx e Freud, constata a existência de uma homologia entre a mais-valia e o mais-de-gozar, uma das funções do objeto *a*, “que corresponde não ao gozo, mas à perda de gozo” (Lacan, 1968-1969/2008, p. 114) no discurso como laço social.

Nessa direção, pretendemos demonstrar que, em decorrência das características muito particulares da obra de Ana Cristina César, sobre as quais discorreremos, pode-se dizer que a escrita desempenha, para ela, essa função de objeto causa-de-desejo e de mais-de-gozar, modo singular de tratamento da angústia que contribui para sua participação em algumas comunidades.

Lacan e a literatura

Ao retomar a comparação freudiana do sonho com o rébus, Lacan (1957/1998) situa a psicanálise no meio do caminho entre fala e escrita, e ressalta a estrutura literária e literante de toda formação do inconsciente, permitindo-nos partir da proposição de que a prática psicanalítica desenvolve um modo particular de relação com a escrita que encontra aproximações com o campo da literatura. Em *Lituraterra*, Lacan (1970/2003) propõe uma distinção entre o litoral e os territórios, estabelecendo como litoral aquilo que se dá no encontro de coisas heteróclitas. Recordemo-nos da junção/disjunção entre o mar e a terra em constante movimento; o que resta desse movimento de vai e vem equivale à construção de um espaço de cavidades e depósitos, de acréscimos e extrações.

A heterogeneidade dos elementos que compõem o litoral não nos deixa esquecer que o recurso à literatura não propicia interpretações do autor a partir da obra. Entretanto, o uso desse recurso não opera desvinculado de uma função clínica, o que significa dizer que está sempre atravessado pelo campo do inconsciente. Em 1965, em seu texto de homenagem a Marguerite Duras pela obra *O arrebatamento*, de Lol V. Stein, Lacan (1965/2003) faz apontamentos significativos para nossa orientação metodológica. Afirmar que os artistas sempre precedem os psicanalistas e nos abrem os caminhos, o que Freud, aliás, também o dissera. Enfatiza que, sem ter ido a um único seminário seu, Duras sabia tudo que ele ali ensinava a respeito da constituição do sujeito do desejo. Isso porque, como revela a obra da autora, “a prática da letra converge com o uso do inconsciente” (Lacan, 1965/2003, p. 193).

O par letra/carta, se assim pudermos nos expressar, comparece desde cedo no ensino de Lacan, já em 1955, em seu seminário sobre “A carta roubada”. É verdade que Lacan joga o tempo inteiro com a homofonia francesa e a identidade gráfica entre os vocábulos letra (*lettre*) e carta (*lettre*), mas, independente disso, ele salienta que a letra/carta importa menos por seu conteúdo do que pelo fato de que ela passa de mão em mão, a tal ponto que ele vai dizer que uma carta, por mais que se desvie e permaneça *en souffrance*, ou seja, em um tempo de espera, sempre chega a seu destinatário.

Em seu *Seminário 7: a ética da psicanálise* (Lacan, 1959-1960/1988), ao tomar as pinturas rupestres como as primeiras produções artísticas às quais temos acesso, Lacan chama a atenção para o fato de que elas são gravadas justamente nas paredes de uma caverna, pois haveria aí uma tentativa de fixação do invisível que habita a cavidade por meio de uma organização em torno do vazio. Ele recorre também aos poetas do amor cortês e encontra, no ideal sustentado por eles, uma compreensão sobre a posição da mulher na sociedade europeia que atravessou os séculos XI, XII e XIII.

No campo poético do amor cortês, a dama é sempre objeto de uma idealização que a exalta ao mesmo tempo que a torna impossível, de modo que ela será tão mais amada quanto mais inacessível. Sem atributos de caracterização, a dama cortejada parece ser sempre a mesma figura. É o que o leva a constatar que, “nesse campo poético, o objeto feminino é sempre esvaziado de toda substância real” (Lacan, 1959-1960/1988, p. 186). Segundo Ana Laura Prates Pacheco (2017), embora Lacan observe que nesse campo poético a dama é desprovida de atributos concretos e singulares, ele reconhece o estatuto de objeto feminino que ali incide.

Nesse momento de seu ensino, Lacan encontra, na escrita do amor cortês, uma via de deslocamento da mulher que ultrapassa a relação do sujeito com o falo, indicando que “a mulher estaria além do princípio do prazer, no lugar do ser,

objeto do desejo” (Pacheco, 2017, p. 150). Ou seja, no lugar do que permanece inescrutável, como só o real é capaz. Situado a partir de ideias de inacessibilidade, despersonalização e esvaziamento, o objeto do amor cortês se aproxima do “campo da Coisa”, ou “*das Ding*”, o que equivale a dizer que não está referenciado à cadeia significativa, mas àquilo que dela escapa.

Ressaltamos que uma articulação de heteróclitos nos parece indicativa tanto do que se pode produzir no discurso sobre o feminino por efeito da escrita quanto daquilo que sobre o feminino escapa ao discurso. Com efeito, vamos nos orientar pelo caminho metodológico tomado por Lacan (1959-1960/1988) a partir do *Seminário 7*, ao trabalhar com o campo da literatura: ele assume a perspectiva de que algo se transmite através da formalização, para além do encadeamento de significações que determinam um sentido. Seu método inclui a leitura da marca do irrepresentável, dos limites próprios à linguagem.

O gozo feminino, a angústia e a escrita

Ao longo de seu percurso clínico e teórico, Freud se dedicou não só a ouvir as mulheres adoecidas que chegavam a seu consultório, mas também a conferir-lhes algum protagonismo no campo científico. Posicionando-se como um endereçamento para as questões delas, atribuiu relevância a suas palavras e suas dores, contribuindo para a mudança de perspectiva de uma época que via essas mesmas questões como consequência de inabilidades para lidar com a vida que lhes era oferecida. O que hoje sabemos em grande escala, eram vidas bastante reduzidas aos imperativos da sociedade patriarcal heteronormativa. Contudo, mesmo sem medir esforços, o inventor da psicanálise não pôde ultrapassar o impasse no qual as saídas para a feminilidade giravam em torno da castração e do falo.

Décadas depois, Lacan apresenta ao campo psicanalítico alguns desdobramentos importantes sobre a noção de feminino. Ele não abandona a primazia fálica, mas avança no impasse freudiano relativo ao binarismo “ter ou não ter o falo”, produzindo uma teoria que dá ao significante fálico o estatuto de representante da falta gerada pela linguagem e que concerne ao movimento do desejo nos seres falantes. Mostra que só há o falo como significante da sexuação, o que quer dizer que o Outro sexuado, no inconsciente, não existe. É também o que sustenta seu aforismo “A mulher não existe”. Não existe um significante que represente a mulher no inconsciente, e, com efeito, dá suporte à sua formulação lógica da impossibilidade de se escrever a relação sexual.

Portanto, o percurso lacaniano recoloca a questão, debruçando-se sobre a radicalidade do processo de tornar-se *uma* mulher, isto é, elaborando o que é da ordem do gozo, para além da questão do desejo e das identificações. Como contribuição significativa para o tema do feminino, Lacan mostra que a função fálica

não regula todo o campo do gozo; há uma parte dele que não passa pelo significante e permanece real, fora do simbólico. Ao dizer que “a mulher se define por uma posição que aponte com o não-todo no que se refere ao gozo fálico” (Lacan, 1972/2008, p. 14), Lacan propõe o seguinte: no lado dito “homem” das fórmulas da sexuação, está o sujeito que se inscreve todo na função fálica; por outro lado, “quando um ser falante qualquer se alinha sob a bandeira das mulheres, isto se dá a partir de que ele se funda por ser não-todo a se situar na função fálica” (Lacan, 1972/2008, p. 98). Portanto, à dita “posição feminina” corresponde uma inscrição não toda no registro do gozo fálico.

Do imaginário ao simbólico, da imagem à palavra, dão-se a emergência e a apropriação do eu e da fala pelos seres falantes. Já o real situa a noção de indizível, de irrepresentável, do que está fora do campo da linguagem, mas ainda assim incide no corpo e no gozo de que ele é objeto. O real é aquilo que impõe um limite à linguagem e um furo na produção de sentido.

O sujeito em posição feminina está imerso nessa experiência com o Real de modo distinto do sujeito em posição masculina, pois, independente de sua anatomia, ele vivencia uma menor consistência da função fálica. O gozo feminino revela que há aí algo que jamais se eleva ao significante, que está para além ou aquém da inscrição simbólica. Ele desvela outra relação com o registro do Real e sustenta um impossível de dizer. Contudo, Colette Soler enfatiza:

Não podemos contentar-nos em calar o impossível de dizer, para recorrer unicamente à lógica. Primeiro porque, se A mulher, escrita com maiúscula, é impossível de identificar como tal, uma vez que “não existe”, isso não impede que a condição feminina exista. (Soler, 2003/2005, p. 18)

Nesse sentido, sublinhamos que o trabalho psíquico que se impõe aos sujeitos em posição feminina revela um importante aspecto de inventividade de modos de se dizer, tratando-se de um percurso não todo referido à função fálica e regido pela inexistência de uma identidade paradigmaticamente feminina, o que comporta sua dimensão de angústia, na medida em que a angústia se apresenta como “esse corte nítido, sem o qual a presença do significante, seu sulco no real, é impensável” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 88).

Se hoje podemos dizer que a escrita é um dos recursos de que os sujeitos dispõem para lidar com a dimensão angustiante do gozo feminino, vale lembrar que, na história da humanidade ocidental, apenas recentemente as mulheres começaram a se utilizar dela. Isso porque foram privadas por muito tempo desse ato que pode ser valioso para o psiquismo e para a cultura. O que é inegável é que, desde que lhes foi aberto o acesso à escrita, muitas são capturadas por ela e a experimentam de maneiras bastante singulares. Com Vera Pollo, vemos que o ato da escrita

pode dar contorno a uma “feminilidade mais afastada do referencial fálico simplesmente imaginário” (Pollo, 1995, p. 187). Como objeto mais-de-gozar, a escrita indica a possibilidade de um encontro com o real, que, paradoxalmente, promove um tratamento da angústia e aproxima o sujeito do laço social.

A angústia da poeta

Ana Cristina Cesar foi reconhecida como integrante da poesia marginal, gênero literário constituído entre as décadas de 1970 e 1980 no Brasil que reunia poetas que sustentavam um movimento antilitetário, explorando a coloquialidade e as construções poéticas formalmente simples. Entretanto, embora transitasse por esse meio social, compartilhando do desejo por certa subversão literária e uma recusa à atmosfera sublime e enobrecedora do universo da literatura, isso não diminuiu o rigor com o qual se dedicou ao que foi sua vocação e seu ofício. Imprimiu uma sofisticação ímpar em sua escrita, o que lhe conferiu destaque na literatura nacional.

Ítalo Moriconi sublinha que a maior riqueza biográfica sustentada pelo nome Ana Cristina Cesar foi o fato de ela ter vivido a “radicalidade da fusão arte-vida” (Moriconi, 2016, p. 8). Colega dos redutos poéticos e políticos do Rio de Janeiro, Moriconi escreveu *Ana C. O sangue de uma poeta* (2016), em que assume que seu livro é tecido em estilo de biografia, mas é enfático ao se afastar do frenesi que se sucedeu à morte da autora, daqueles que se inclinavam a identificar toda a sua trajetória ao fato de ter interrompido a própria vida em 1983 aos 31 anos.

Além dos relatos em cartas e depoimentos de colegas sobre os períodos de grande angústia que a poeta atravessou, sua obra também os atesta, embora não possa ser reduzida a isso. Sem romantizar seu sofrimento, valorizamos o que nos deixou de testemunho de sua experiência com o registro do Real. Portanto, em acordo com a perspectiva de Moriconi, navegamos pela escrita de Ana Cristina Cesar guiadas pela bússola de que essa foi a âncora que lhe permitiu uma amarração à vida durante alguns anos. Se não foi suficiente para evitar uma morte precoce, com certeza foi suficiente para escrever seu nome no campo compartilhado da cultura.

Em diversos momentos, em poesia ou em prosa, em cartas nada desprezíveis impregnadas de intenções literárias, saltam aos olhos a força e a relevância que a escrita teve em sua vida. O que se faz um dos pilares de nossa aposta de que a poeta conseguia momentos de alívio da angústia por meio da escrita, como se as mãos, enquanto escreviam, transformassem subitamente afeto em letra: “Agora, imediatamente, é aqui que começa o primeiro sinal do peso do corpo que sobe. Aqui troco de mão e começo a ordenar o caos” (Cesar, 1982-1983/2013, p. 303).

A poesia de Ana Cristina Cesar se tece por fragmentos da vida corrente, das cenas e dos objetos do dia a dia, deixando entrever a angústia que, em meio ao cotidiano, invadia-a sem pedir licença. Lançando mão de seu rigor literário, a

poeta ansiava transformar o inquietante em belo, tensionando a linguagem. Com efeito, evidencia que o belo não se liga necessariamente ao que é contemplativo ou apaziguador. Aqui, relembramos o modo como Freud trabalha a estética em “O infamiliar”, dando ênfase ao que é da ordem das sensações, ao que pode ser também angustiante e que não se restringe ao que se nomeia como a doutrina do belo que circunscreve como características do objeto ideias como clareza ou luminosidade, harmonia e integridade (Freud, 1919/2019).

Nossa poeta não é econômica na sobreposição de sensações, pensamentos e narrativas, o que faz com que o lírico carregue em si uma multiplicidade de vozes. A partir de uma costura entre o mundo interior e o exterior, entre o eu e o outro, apresenta-se um corpo textual que inspira algo de muito íntimo, ao mesmo tempo que inclui o espanto e o estranho. Ou o infamiliar freudiano: aquilo que, de tão íntimo, tornou-se obscuro e indesejado.

estou farto da materialidade embrulhada do signo
da metalinguagem narcísica dos poetas
do texto de espelho em punho revirando os óculos modernos
estou farta dessa falta enxuta
dessa ausência de objetos rotundos e contundentes
do conluio entre cifras e cifrantes
da feminil hora quieta da palavra
(Cesar, 2008/2013, p. 325)

É possível afirmar que a escrita de Ana Cristina Cesar não reproduz os sentidos congelados pelo código de uma língua. Sua escrita transmite contradições, dos sujeitos e da cultura; transmite algo da estranha alteridade das pessoas e dos impasses relativos ao campo dos gozos. Talvez isso não seja efeito apenas de um estilo literário consciente e rigorosamente elaborado, mas também de um saber, mesmo que inconsciente, de sua condição de sujeito não todo fálico. Dessa posição, uma mulher está mais exposta à angústia que o homem, isso porque a angústia é o confronto radical com a falta do Outro, “é o confronto com a inconsistência do Outro, com a falta de um significante no Outro S (Abarrado), lugar que é o *habitat* natural da mulher que não existe, lugar da *não-toda* fálica” (Miranda, 2012, p. 16).

O não senso e o não todo

Ana Cristina Cesar manteve sempre no horizonte de seu gesto poético a pergunta sobre o que é, o que pode ser e quais são os limites da linguagem, traço de seu estilo que ganha relevo em sua forma de fazer com a escrita. Consideramos que ler nossa poeta é permitir-se ir um pouco além de um modo mais acostumado de

estar na linguagem. É sentir um tanto frustradas nossas tentativas constantes de capturar o real através do simbólico. Em suas palavras: “A poesia é um tipo de loucura qualquer. É uma linguagem que te pira um pouco, que meio te tira do eixo” (Cesar, 1983/2016, p. 305).

Annita Costa Malufe, autora do campo literário, trabalha a dimensão do não senso na escrita de Ana Cristina Cesar. O não senso de que nos fala remete a uma separação entre o significado e o sentido que é marcante na escrita de nossa poeta e constitui uma singularidade que se destaca diante de tantas poesias nas quais os sentidos são bastante apegados aos significados. Isso porque ela utiliza diversas lâminas cortantes que não permitem o fechamento de uma significação muitas vezes iminente, mas que se desfazem no verso seguinte, ou mesmo ao final do poema, marcando uma abertura para os incontáveis sentidos que dado corpo textual pode ter.

O não-senso irromperia justamente aí, nesses momentos de impossibilidade de nomear, de designar ou significar. O não-senso irrompe e quebra a comunicabilidade do poema, rompe a função habitual da linguagem e força a emergência de sentidos, sempre múltiplos e não restringíveis à dimensão linguística. (Malufe, 2011, p. 129)

Seguindo a trilha de Malufe (2011), que aponta que o sentido do texto de Ana Cristina Cesar não se restringe à dimensão imperativa da linguagem, propomos uma articulação com a noção psicanalítica do gozo feminino não todo fálico. Isso porque sua escrita transmite um movimento de abertura constante e desconcertante que abala o terreno das significações, transmite algo sobre aquilo que inquieta, demanda um fazer, mas não se pode capturar de todo.

discurso fluente como ato de amor
incompatível com a tirania
do segredo

como visitar o túmulo da pessoa
amada

a literatura como clé, forma cifrada de falar da paixão que não pode ser nomeada (como numa carta fluente e ‘objetiva’).

a chave, a origem da literatura

o ‘inconfessável’ toma forma, deseja tomar forma, vira forma

mas acontece que este é também o meu sintoma, “não conseguir falar” =

não ter posição marcada, ideias, opiniões, fala desvairada.
Só de não-ditos ou de delicadezas se faz minha conversa, e para não ficar
louca e inteiramente solta neste pântano, marco para mim o limite da pai-
xão, e me tensiono na beira: tenho de meu (discurso) este resíduo.
Não tenho ideias, só o contorno de uma sintaxe (= ritmo).
(Cesar, 1985/2013, p. 237)

Por meio do poema, Ana Cristina Cesar parece pedir para ser lida em sua forma cifrada de falar da paixão que não pode ser nomeada. Não espera decifração, mas a experimentação do impossível de nomear que ele comporta, incompatível com a tirania da linguagem. Ela escreve sobre o “não conseguir falar” que insiste em se fazer escrita, “para não ficar louca e inteiramente solta neste pântano”. Sobre esse mesmo poema, Malufe (2011, p. 127) aponta: “É o inconfessável então que vira forma, sintaxe, ritmo, é ele que se expressa, deixando de ser conteúdo para se tornar contorno.”

O poema marca o limite da paixão e tensiona na beira, contornando o impossível de dizer que o gozo feminino manifesta, uma vez que algo nele ultrapassa o pântano dos significantes e do discurso faz sobrar um resíduo. Como a *lettre* de Lacan (1955/1998), mais do que o conteúdo, importa o fato de que a mensagem enigmática passa de mão em mão, chegando a tantas leitoras encantadas por isso que causa alívio por meio da identificação; ao mesmo tempo que mantém uma fissura aberta, não define nem determina o que é e o que quer uma mulher.

O indizível e o possível de se escrever

Ana Cristina Cesar certamente experimentou grande angústia e um incômodo muito particular com a linguagem; entretanto, até onde lhe foi possível, fez da escrita sua amarração à vida. Sem se deixar capturar pela pretensão de dizer o real todo, assumiu a marca do indizível compondo a tessitura de seu texto, navegou pelas contradições, inquietações e pelo inconfessável que o gozo feminino impõe à linguagem. Gozo enigmático, mas que produz suas manifestações. Em um de seus versos, a poeta deflagra: “o real constrói o poema, imbatível” (Cesar, 1985/2013, p. 321).

É possível, portanto, extrairmos da escrita de Ana Cristina Cesar um saber fazer com a angústia, afeto que não engana, como dissemos, e que está “diretamente relacionado ao real indizível presentificado no corpo pelo que deste escapa à amarração simbólica” (Miranda, 2012, p. 9). Concebendo transmissão como uma passagem inconsciente da experiência com o real, propomos tratar-se de uma transmissão do indizível por meio do possível de se escrever. Uma escrita que, ao operar acréscimos e extrações na linguagem, faz litoral: toca, mas não captura. Embora não tenha sido

capaz de evitar sua morte precoce, apostamos que esse ato desempenhou para ela a função de objeto mais-de-gozar, modo singular de tratamento da angústia que contribuiu para sua participação em algumas comunidades.

Por uma perspectiva clínica, enfatizamos a importância da emergência de um endereçamento da letra que possa produzir um novo enlace pulsional, como saída das repetições sintomáticas do gozo solitário do sujeito. Ana Cristina Cesar parecia saber algo também sobre isso:

Ao escrever você poderia ser movida, ao falar também, você poderia ser movida pelas duas intenções. Você pode ser movida pela intenção de rasgar a verdade, dizer a verdade, traduzir a verdade, seja uma verdade política, social ou a verdade acerca da sua intimidade. Ou você pode ter um olhar estetizante... quando você estetiza, quando mexe num material bruto, você já constrói alguma coisa, então finge, é a questão do fingimento. Aí você sai do âmbito da Verdade, com letra maiúscula. Você saca que ela nem existe, que ela nem pode ser transmitida. (Cesar, 1983/2016, p. 312)

Referências bibliográficas

- Cesar, A. C. (2013). Inéditos e dispersos. In A. C. Cesar. *Poética*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1982-1983)
- Cesar, A. C. (2013). Inéditos e dispersos: poesia/prosa. In A. C. Cesar. *Poética*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1985)
- Cesar, A. C. (2013). Antigos e soltos: poemas e prosas da pasta rosa. In A. C. Cesar. *Poética*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 2008)
- Cesar, A. C. (2016). Depoimento de Ana Cristina Cesar no curso Literatura de Mulheres no Brasil. In *Crítica e tradução*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1983)
- Freud, S. (1972). A interpretação dos sonhos. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 5). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900)
- Freud, S. (2019). O infamiliar. In S. Freud. *Obras incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (2023). O mal-estar na cultura. In S. Freud. *Obras incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em [1929] 1930)
- Lacan, J. (1988). O amor cortês e sua anamorfose. In J. Lacan. *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1959-1960)

- Lacan, J. (1998). O seminário sobre “A carta roubada”. In J. Lacan. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1955)
- Lacan, J. (1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In J. Lacan. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1957)
- Lacan, J. (2003). Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol. V. Stein. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1965)
- Lacan, J. (2003). Litraturerra. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1970)
- Lacan, J. (2005). Introdução à estrutura da angústia. In J. Lacan. *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1962-1963)
- Lacan, J. (2008). Introdução à aposta de Pascal. In J. Lacan. *O seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1968-1969)
- Lacan, J. (2008). Do gozo. In J. Lacan. *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1972)
- Malufe, A. C. (2011). O não-senso em Ana Cristina Cesar e Marcos Siscar. *Revista Texto Poético [online]*, 10.
- Miranda, E. R. (2012). Angústia e mulher. *Revista Affectio Societatis [online]*, 9(16).
- Moriconi, Í. (2016). *Ana C. O sangue de uma poeta*. E-Galáxia.
- Pacheco, A. L. P. (2017). *Feminilidade e experiência psicanalítica* (2a ed.). São Paulo: Agente Publicações.
- Pollo, V. (1995). Do amor e da letra – recortes de duas histórias. *A mulher: na psicanálise e na arte*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Soler, C. (2005). *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 2003)

Recebido: 01/06/2024

Aprovado: 15/06/2024